

EDICIÓN:

Rodrigo de Balbín Behrmann

Primitiva Bueno Ramírez

REVISIÓN DE TEXTOS:

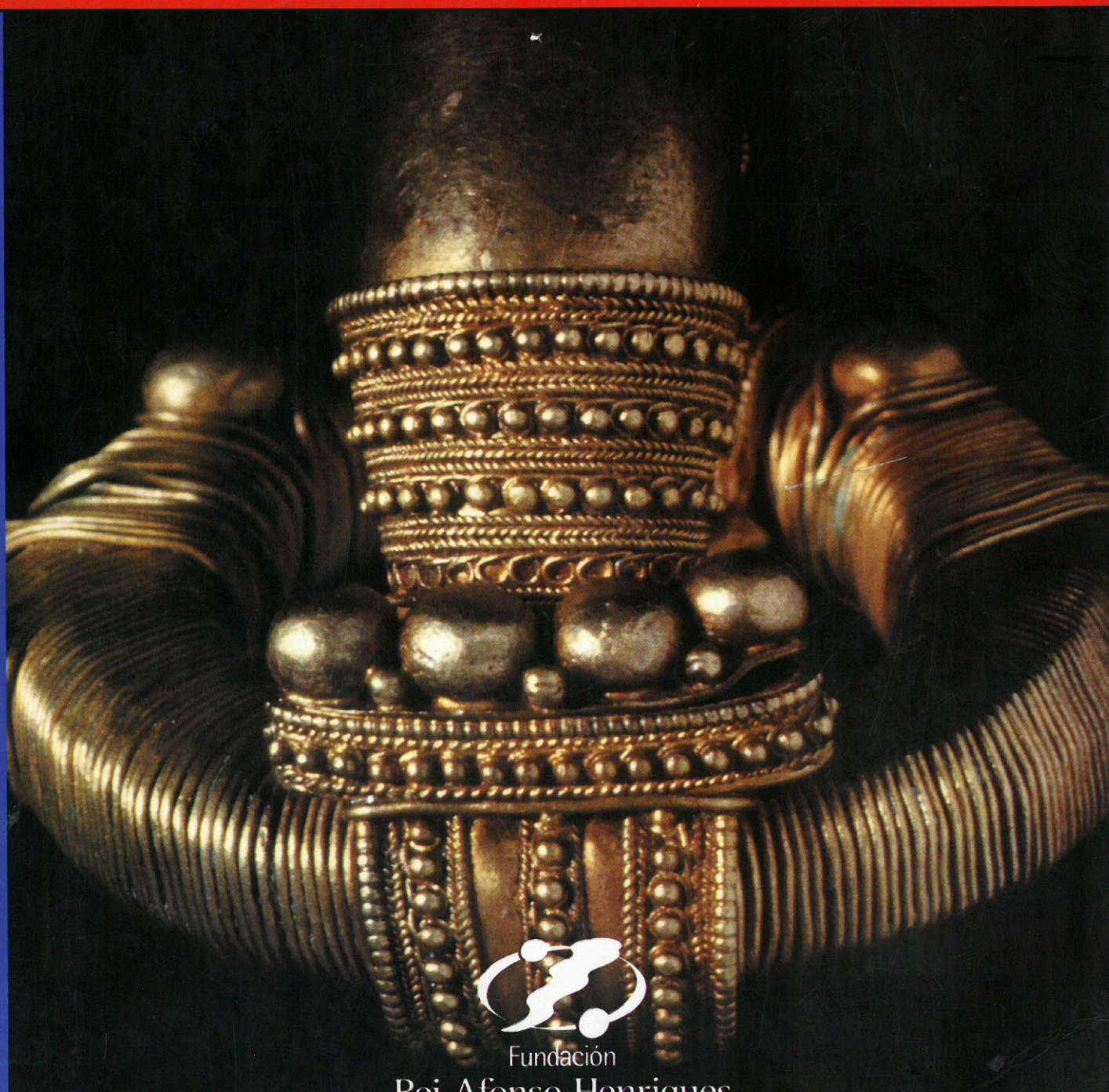
José I. Herrán Martínez

# II Congreso de Arqueología Peninsular

*Tomo II - Neolítico, Calcolítico y Bronce*

Serie Actas

Fundación Rei Afonso Henriques



Fundação

Rei Afonso Henriques



## Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular

“O problema é sempre o de dar o trabalho por terminado,  
com o pensamento de nunca acabar coisa alguma...”

(T. Bernhard 1993: 52)

ANA M. S. BETTENCOURT

### 1. A NECROPOLIZAÇÃO DA IDADE DO BRONZE DO NOROESTE: LUGARES COMUNS E EXPLICAÇÕES

Nas sínteses que abordam o fenómeno funerário da Idade do Bronze do Noroeste, são correntes alguns lugares comuns sobre este tema: o primeiro refere a abundância de tumulações para o período denominado de Bronze inicial; o segundo alude à escassez ou inexistência de sepulturas para o denominado Bronze médio e final

Uma análise atenta de diferentes obras permite-nos verificar que estas ideias assentam em **três pressupostos**:

- o primeiro é o de que as sepulturas de tipo cista, com ou sem tumulus, pertencem todas ao Bronze inicial, quer se verifique a ausência de espólio ou este se represente por objectos metálicos (cobre, ouro, prata), ou por recipientes cerâmicos conhecidos por vasos de tipo “Taraio”. A presença de qualquer um destes artefactos, por vezes só num sepulcro, tem servido para inserir no mesmo contexto cronológico-cultural, todas as manifestações tumulares de uma necrópole.
- o segundo é o de que as manifestações sepulcrais com vasos de largo bordo horizontal são normalmente atribuídas aos finais da Idade do Bronze (Almeida 1974: 176-177; Jorge 1988b: 98, 1990: 245-246; Jorge 1996: 202; Silva 1993: 257 e 260; Fábregas Valcarce et al 1994: 152; Fábregas Valcarce 1995: 111).
- o terceiro admite mesmo a ausência de fenómenos tumulares visíveis no registo arqueológico a partir do Bronze médio (Ruíz-Gálvez Priego 1987: 252, 286; 1991: 282; Belén et alii 1991).

Na tentativa de explicar estas “ausências” surgiram várias hipóteses. Ruíz-Gálvez Priego (1995:134) previlegia a mudança das tumulações para meios aquáti-

cos. Jorge (1996: 202-203), defende sepulturas abertas no saibro e eventuais cistas para o Bronze final. Fábregas Valcarce (1993a, 1993b, 1995; Fábregas Valcarce et al 1994; 1995) e Vaquero Lastres (1993) procuram “continuidades” sepulcrais nos fenómenos de tradição megalítica ou “paramegalítica”, ao longo do IIº milénio B. C. A hipótese da simultaneidade de enterramentos nas águas e em terra, é posta por Fábregas Valcarce em 1993 (1993b:85) e desenvolvida posteriormente (Fábregas Valcarce 1995: 114; Fábregas Valcarce et al 1995: 160 e segs), embora com algumas reservas.

Se bem que as hipóteses colocadas sejam extremamente interessantes ao permitirem olhar o registo arqueológico de uma perspectiva heterogénea, elas não esgotam as questões que sobre esse registo se podem levantar. Assim, e à luz de dados da nossa própria investigação, parece-nos pertinente discutir os pressupostos referenciados no início deste trabalho e levantar algumas hipóteses que poderão contribuir para a problemática da necropolização do Noroeste durante a Idade do Bronze.

Antes de passarmos à exposição dos novos dados queremos fazer duas observações:

- só usaremos datas calibradas a 2 sigmas e falaremos apenas em termos de milénios, evitando a terminologia tripartida para a Idade do Bronze do Noroeste por razões já apresentadas em trabalhos anteriores (Bettencourt 1995a).

### 2. CISTAS, VASOS DE TIPO “TARAIO” E DE “LARGO BORDO HORIZONTAL”: UMA NECESSÁRIA REAVALIAÇÃO

#### 2.1. CISTAS E VASOS DE TIPO “TARAIO”

Recentemente, e no âmbito de escavações desenvolvidas no curso médio da bacia do Cávado, Baixo Minho (Est. D), deparámo-nos com alguns achados que



Minho (Est. D), deparámo-nos com alguns achados que parecem importantes para a problemática a abordar.

Trata-se de pequenas estruturas cistóides sem *tumulus*, de planta subcircular e sub-rectangular, inseridas dentro de contextos habitacionais.

As mais antigas, provavelmente duas, foram detetadas na camada 2 do corte 2 do povoado da Sola II, Braga (Bettencourt 1991/92: 103).

A estrutura nº1, a melhor preservada, com cerca de 52 cm no sentido Norte-Sul e 64 cm no Este-Oeste, encontrava-se delimitada por vários blocos e por uma laje granítica de espessura muito fina, a Este. A sua profundidade era de cerca de 30 cm. O enchimento, constituído por terras aparentemente semelhantes às da camada 2, mas mais claras, forneceu alguns carvões dispersos. Não continha qualquer tipo de espólio, apesar das terras terem sido crivadas com peneira de malha milimétrica. Encontrava-se coberta por blocos líticos, no meio dos quais se detectou um fragmento de dormente de moinho manual e uma semente de *pyrus* (Ramil Rego com. pessoal).

Foram retiradas terras para análises de fosfatos desta estrutura, cujos resultados se aguardam, para confirmarmos ou infirmarmos a hipótese levantada.

Pelo facto do nível arqueológico ser bastante superficial não foi possível detectar o tipo de cobertura da outra eventual estrutura cistóide, parcialmente destruída. Com cerca de 25 cm de profundidade, encontrava-se igualmente rodeada por pequenas pedras, com uma laje granítica colocada também a Este. Esta laje, fina, estava partida no topo. Tinha, no sentido Este-Oeste, cerca de 76 cm de largura e o seu enchimento assemelhava-se ao da primeira estrutura (Est. II - 1 e 2).

As análises de radiocarbono efectuadas com carvões da estrutura nº 1 (expressas no quadro D), revelaram uma cronologia entre os séc. XVII ao XVI B. C., i. é, adentro do 2º quartel do IIº milénio. Tivemos sobretudo em conta a data UtC-Nr.4785, com menor desvio padrão do que a ICEN-1274 e efectuada a partir do método A. M. S. De qualquer modo, as duas análises recobrem-se estatisticamente.

A importância destas datas prende-se com o facto de que, no mesmo corte e camada encontrámos mais de uma dezena de fragmentos de vasos de largo bordo horizontal, que podem ser atribuídos ao mesmo momento cronológico.

O segundo achado reporta-se a outra estrutura cistóide, de planta sub-rectangular, sem *tumulus*, encontrada na ocupação inicial do corte 3 do povoado da Santinha, Amares (Bettencourt 1995a: 113; 1995b: 60). Trata-se de uma estrutura delimitada por algumas lajes

e pedras graníticas, com 40 cm no sentido Norte-Sul, e 50cm no Oeste-Este. Tinha de profundidade cerca de 28 cm. Estava coberta por um pequeno aglomerado pétreo. A laje maior encontrava-se localizada a Sul e estava calçada por três pequenas pedras na base. Debaixo de uma laje tombada, foi encontrado, a Sul, um pequeno vaso fragmentado e alguns carvões dispersos. Tratava-se de um recipiente de pança ovóide, bordo ligeiramente esvasado, lábio horizontal, base plana e de fabrico manual. Apresentava vestígios de fuligem nas paredes externas e tinha 13,5 cm de altura, por 10,5 cm de diâmetro de boca (Est. III - 1 e 2).

Todo o enchimento foi crivado com peneira de malha milimétrica e as terras guardadas para análises de fosfatos.

A camada onde se inseria esta sepultura foi datada, pelo radiocarbono, de entre os séc. XI ao IX, ou seja, adentro do 1º quartel do Iº milénio B.C. Esta cronologia enquadra-se bem com outras datas obtidas para o povoado e com as características gerais do espólio encontrado.

É de salientar que a forma cerâmica exumada nesta estrutura, normalmente designada por potinho (Martins 1987, 1988, 1990), encontra paralelo nos povoados dos finais da Idade do Bronze do Norte de Portugal, mas também no que na Galiza se conhece por vaso de tipo "Taraio", datado dos inícios da Idade do Bronze. Nesta região esta cronologia baseia-se na associação, esporádica, destes recipientes, com um punhal de lingueta na cista de Taraio, Corunha e com uma ponta de tipo "Palmela" no enterramento secundário do túmulo 2 da Mina de Parxubeira, Corunha (Meijides Cameselle 1993: 85).

Assim, na Galiza, esta forma tem servido sucessivamente como "fóssil director" para datar necrópoles com polimorfismo ritual e arquitectónico, com estruturas cistóides (semelhantes à da Santinha e Sola II), cistas "típicas" e fossas circulares e antropomórficas, abertas no saibro. Citemos como exemplo as necrópoles de Agro de Nogueira, Corunha (Meijides Cameselle 1993, 1994: 210-211) e Gandón, Pontevedra (Peña Santos 1985).

Em abono da longa pervivência desta forma cerâmica salientamos que ela existe no povoado da Sola II, em pequena quantidade (Bettencourt 1991/92: Est. IX.1), sendo bastante comum nos povoados do Barbudo (Martins 1989: 76-78), plataforma superior da Bouça do Frade (Jorge 1988a: 23, 35, 40, 44), Castelo de Matos (Queiroga *et al* 1989; Dinis 1991/1992: 129 e est. II.6), Lavra II (Sanches 1995a: 116), Santinha e S. Julião (Martins 1985, 1986, 1987, 1988, 1990), com ocupações, datadas pelo radiocarbono, dos finais do IIº milénio e 1º quartel do Iº milénio B.C. (Est. IV).



Sintetizando, os vasos de tipo "Taraio", ou potinhos, assim como as estruturas cistóides ou as cistas "típicas", parecem ser manifestações de longa duração, percorrendo todo o IIº milénio e perdurando, pelo menos, até ao 1º quartel do Iº milénio B.C.

Reforça-se assim a ideia da inexistência de "fósseis directores" na Pré-História Recente e levanta-se o problema da pertinência das datações por comparação tipológica.

Nesta sequência parece-nos oportuno questionar a cronologia das cistas com artefactos metálicos (em cobre, ouro e prata) igualmente atribuídas aos inícios do Bronze.

Se atendermos ao facto de que, no Noroeste, a metalurgia do bronze parece ter-se verificado bastante tarde não terá este espólio e os respectivos túmulos onde ocorre perdurado por uma boa parte do IIº milénio, em simultâneo com outras formas de enterramento?

Estes dados aconselham pois a uma revisão do mundo sepulcral frequentemente atribuído aos inícios da idade do Bronze, no Noroeste Peninsular e demonstram a necessidade de análises radiocarbónicas, o que aliás parece ser possível nalgumas necrópoles onde se encontraram restos de incinerações como Agro de Nogueira e Gandón.

## 2.2. VASOS DE LARGO BORDO HORIZONTAL E TÚMULOS

Detectados pela primeira vez nos inícios do século, várias foram as cronologias atribuídas a estes recipientes.

Até aos finais dos anos 80, todas as propostas se fundamentaram em comparações com formas ou decorações cerâmicas bem como com eventuais contextos de achado. Surgiram, assim, inúmeras hipóteses que abarcavam cronologias desde os finais do Neolítico até à Idade do Ferro. Após 1988, as três datas de radiocarbono da plataforma superior da Bouça do Frade, Baião, permitiram inserir este grupo, definitivamente na Idade do Bronze, sobretudo na sua fase final (Jorge 1988a).



Est. I. Localização dos povoados da Sola e Santinha na Península Ibérica.



As análises do povoado da Sola, que aqui se publicam, vem alargar consideravelmente as balizas cronológicas para esta louça, que passa a poder integrar-se, pelo menos, desde o 2º quartel do IIº milénio até ao 1º quartel do Iº milénio B. C.

Na Bouça do Frade o número reduzido de largos bordos horizontais, cinco, na camada datada, bem como a localização interior desta jazida face ao mapa de recuperação dos achados, autorizam-nos a pôr a hipótese de estarmos perante o momento final de utilização destes vasos, cuja ampla utilização se deveria ter efectuado em contextos do IIº milénio B. C. A ausência desta forma cerâmica em povoados coetâneos da plataforma superior da Bouça do Frade (Barbudo, Castelo de Matos, Coto da Pena, Lavra II, Santinha e S. Julião) abonam em favor desta hipótese.

Analisemos agora os contextos de recuperação dos vasos de largo bordo horizontal. Foram encontrados quer em ambientes “domésticos”, quer funerários<sup>1</sup>.

As características das jazidas permitem admitir uma certa variedade topográfica para os contextos domésticos onde ocorrem estes vasos, bem como um polimorfismo nas soluções sepulcrais. Cremos que a explicação destes fenómenos se deverá formalizar pluralmente e a vários níveis de análise (baixo e médio), mas este é um tema que desenvolveremos futuramente.

É comum, em várias obras da especialidade, considerar-se o espólio funerário como *item* simbólico ou de prestígio e avaliar os mesmos artefactos, encontrados em povoados, como objectos “domesticados” que teriam perdido o seu valor emblemático, sendo, portanto, mais recentes. Pessoalmente, consideramos estas explicações um pouco simplistas e cremos que o “ciclo de vida social dos objectos” constitui um fenómeno de grande complexidade (Needham 1993). Nesta perspectiva não partilhamos o pressuposto formulado anteriormente em relação aos vasos de largo bordo, baseando-nos para tal nalguns dados que passamos a expôr.

Em primeiro lugar, são vulgares fenómenos de contemporaneidade entre outras formas cerâmicas encontradas em ambos os contextos referenciados.

<sup>1</sup> No primeiro caso detectaram-se nos povoados da Bouça do Frade, Douro Litoral (Jorge 1988a), Castro de Talhoz, Minho (Almeida 1986: 47-48), Cidade de Terroso, Minho (Fortes 1905/1908: 664; Pinto 1932: 85; Paço 1933: 275; Jorge 1990: 246; Dinis 1993: 34, 116), Fixón 2/Costa da Seixeira, Pontevedra (Suárez Otero 1993), Penacova, Minho (Costa 1930: 142; Soeiro 1988: 44; Jorge 1990: 246), Portecelo, Pontevedra (Cano Pan et al 1988: 182), Quinta da Seara, Minho (Paço 1933: 275; Soeiro 1988: 44), Sola II (Bettencourt 1991/1992), Tapada da Venda/Pedroso (Lemos et alii 1976/1980; Jorge 1988a: 73-74, 79, 81; 1990: 246; Soeiro 1988: 41 e nota 12). No segundo pontuamos as necrópoles de Agra de Antas/Monte/S. Paio de Antas, Minho (Ataíde et al 1940; Soeiro 1988: 37-40; Almeida 1989: 97-98), Belinho, Minho, (Almeida 1986: 56; Soeiro 1988: 45; Jorge 1990: 246), Carris, Pontevedra (Soyero 1988: 45); Gendive,

Estudos recentes levaram Sanches (1995: 161) a admitir a sincronia da cerâmica campaniforme em túmulos e povoados da mesma região. A autora defende que os vasos, detectados em *habitats*, se poderão visualizar como objectos de poder, associados a cerimónias e manipulados por uma elite.

Da mesma forma, os vasos de tipo “Taraio” pelo menos, para os finais da Idade do Bronze, são usados, simultaneamente, em contextos distintos.

Em segundo lugar, há que referir particularidades nos vasos de largo bordo horizontal, comuns em ambos os espaços de utilização.

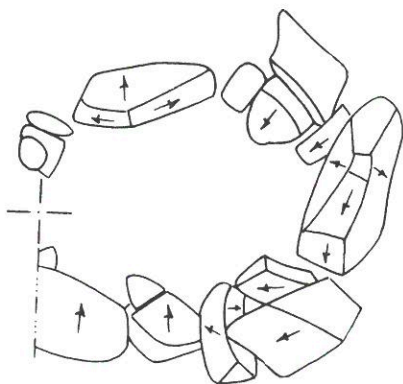
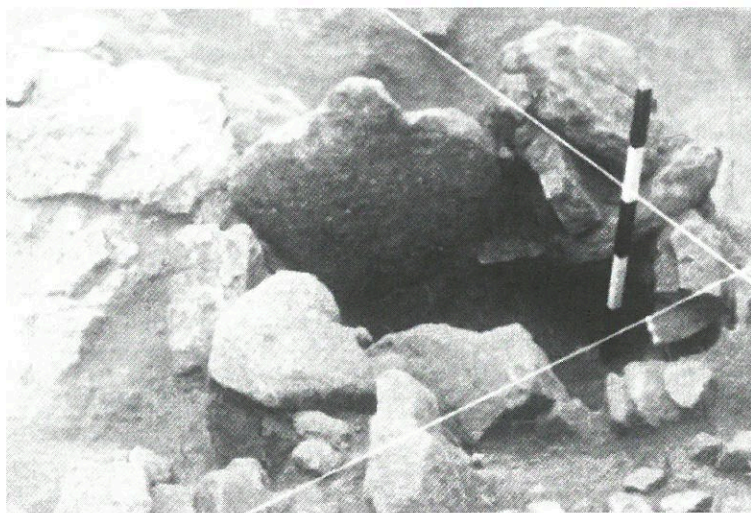
Assim os motivos decorativos da aba, a morfologia do bordo (Jorge 1988a: 80) e a presença de fuligem nas paredes internas, externas e nas abas dos vasos (Cardoso 1936: 77; Ataíde et al 1940: 673; Jorge 1988a; Soeiro 1988: 36 e segs) são características que se repetem em ambos os contextos.

A existência de fuligem e a sua distribuição nos vasos de largo bordo, quer em povoados, quer em túmulos, parece indiciar que os seus conteúdos foram queimados no âmbito de cerimónias com carácter socio-simbólico semelhante.

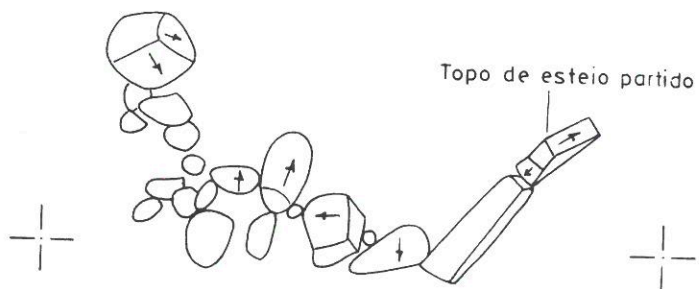
A justificação desta assumpção passa por considerarmos os vasos de largo bordo horizontal como portadores de um valor semiótico de comunicação (que desconhecemos), mas que identificaria a identidade socio-simbólica dos indivíduos que os manipulavam no seio de comunidades onde se inseriam.

Assim os ritos associados aos largos bordos deverão efectuar-se durante práticas da rotina diária, criando o que Giddens (1991: 242 em Treherne 1995: 127) define como a “conduta estilizada do indivíduo no contexto da vida diária”, através do qual ele se identifica e é identificado pela comunidade, bem como no decurso dos rituais de enterramento dos seus portadores. Desta forma, a sua reutilização/utilização em cerimónias funerárias constituiria um verdadeiro “cenário de integração” permitindo a recriação da ordem social (Bloch 1982: 218 em Gramsch 1995: 73) e criando elos de ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos.

Ourense (López Cuevillas 1947: 3), Guillar, Lugo (López Cuevillas 1947: 3; Soeiro 1988: 45), Gulpilhares, Douro Litoral (Fortes 1908: 16; Guimarães 1983: 40-41; Silva 1993: 256, 286), Laborada, Ourense (López Cuevillas 1947: 1-3); as sepulturas associadas a monumentos megalíticos ou de tradição megalítica de Calvos de Randin, Ourense (López Cuevillas 1928), Chã das Arcas, Minho (Pereira 1902: 197-198; Costa 1930: 142; Soeiro 1988: 43-44; Jorge 1988a: 77, nota 89, 1990: 246), Chafé, Minho (Jorge 1988a: 77, nota 89, 1990: 246), Marco de Camballón 5/Oirós, Pontevedra (Calo et al 1983: 67 em Fábregas Valcarce 1993b: 87; 1995: 111) e as sepulturas de carácter dicitível de Corvilho, Minho (Santarem 1956; Sanches 1982: 56 a 58; Soeiro 1988: 42), Faisca/Caldelas (Cardoso 1930: Jorge 1988: 79) e Monte de Baixo/Barqueiros/S. Cláudio do Barco, Minho (Santarem 1901: 126; Cardoso 1936; Almeida 1989; Jorge 1990: 246).



C3



C4

ESCALA : 1/20

Est. II. 1. Fotografia da estrutura cistóide n° 1 da Sola II, Braga; 2. Estruturas n° 1 e n° 2 do povoado da Sola II, Braga (Desenho de Que-  
nor Rocha).



O conjunto de argumentos apresentados parecem pois, abonar em favor de uma hipótese de sincronia destes vasos, em túmulos e povoados.

### 3. O FENÓMENO SEPULCRAL DESDE O IIº AOS INÍCIOS DO Iº MILÉNIO B.C.: EM BUSCA DE UMA NOVA NARRATIVA

Se os vasos de largo bordo horizontal, nos povoados, se podem datar desde, pelo menos, o 2º quartel do IIº milénio, até ao 1º quartel do Iº milénio B.C., e se aceitamos a sua contemporaneidade com as práticas sepulcrais é pois verosímil, que muitas das expressões funerárias, onde elas aparecem, se enquadrem na balizas cronológicas propostas.

Se as estruturas cistóides subcirculares ou sub-retangulares com ou sem espólio, se podem datar, igualmente, desde o 2º quartel do IIº milénio até ao 1º quartel do Iº milénio B.C. é de admitir que muitos sepulcros, atribuídos ao denominado Bronze inicial, se possam enquadrar num período mais alargado, inclusive as que possuem vasos de tipo "Taraio".

Se, até à data, as taças carenadas de fabrico manual não ultrapassam, nos mais diversos povoados do Noroeste peninsular (Barbudo, Bouça do Frade, Castelo de Matos, Coto da Pena, Lavra II, Santinha e S. Julião) cronologias mais recentes do que o 1º quartel do Iº milénio B.C. e sempre em contextos da Idade do Bronze, não vemos qualquer inconveniente em inscrever a sepultura rectangular de Curvos/Esposende (Soeiro 1988; Almeida 1989: 94) neste período.

Perante os dados expostos parece-nos de admitir que durante todo o IIº e muito provavelmente o 1º quartel do Iº milénio B. C. o Noroeste peninsular terá assistido a uma grande **multiplicidade de fenómenos funerários** a saber:

- pequenas cistas subcirculares, sem tumulus (Santinha e Sola II),
- sepulturas planas cortadas no saibro de planta sub-rectangular ou alongada e sem qualquer estrutura de revestimento (Carris (?), Laborada (?), Tapado da Caldeira),
- sepulturas planas cortadas no saibro, de planta sub-rectangular ou subtrapezoidal, revestidas e tapadas com lajes de pedra (necrópoles de Agra de Antas, Belinho, Gulpilhares (?), sepultura de Curvos),
- construção de monumentos de tradição megalítica (Outeiro de Gregos 1, Outeiro de Gregos 5 (?), Piedrafita 5, Ponte da Pedra),
- reutilizações de monumentos com tumulus ou mesmo de carácter megalítico (Marco de Camballón 5/Oirós e fossa de Cabritos 1 (?)),

- construção ou reutilização de monumentos de tradição megalítica (Calvos de Randin, Chã das Arcas, Chafé, Gendive, Guillar),
- eventuais sepulturas em fossas abertas no saibro, de forma subcircular, em planta (Fáisca/Caldelas),
- eventuais enterramentos nas águas.

Outra característica do fenómeno sepulcral durante o IIº e inícios do Iº milénio B.C. é a **proximidade ou inserção de alguns túmulos, em povoados aparentemente coetâneos** (Bettencourt 1995a: 113).

No primeiro caso incluímos a necrópole do Tapado da Caldeira que poderá corresponder à fase intermédia do povoado da Bouça do Frade (Jorge com. pessoal); a necrópole de Agra de Antas, a cerca de 200m do Castro de Talhoz, onde se evidenciaram vasos de largo bordo horizontal e a necrópole de Belinho, muito perto dos povoados da Cova da Bouça e da Cividade, o primeiro com materiais em bronze, genericamente enquadráveis neste período e o segundo com cerâmicas manuais com decoração plástica que se inscrevem adentro da Idade do Bronze. A proximidade do local de *habitat* parece ser fenómeno recorrente na necrópole de Gandón (Peña Santos 1985:82).

No segundo caso pontuamos as duas estruturas cistóides da Sola II, encontradas dentro do recinto do povoado, em posição que cremos "marginalizada" em relação ao núcleo "doméstico" e a "cista" da Santinha, igualmente em posição periférica em relação à acrópole do povoado. Os significados destas características saem fora do âmbito deste artigo mas estão a ser interpretados no âmbito de um trabalho mais vasto.

O problema do **ritual de enterramento** é necessariamente complexo devido à falta de informação. O único dado que possuímos, integrável seguramente a partir do IIº milénio B.C., pela presença de um vaso de largo bordo horizontal, é a deposição de um cadáver completo, aparentemente do sexo masculino, numa das sepulturas da necrópole de Agra de Antas/S. Paio de Antas, Esposende (Ataide *et al* 1940: 676).

A semelhança formal desta sepultura com os restantes túmulos da necrópole indicia a prática da inumação em todos eles. De igual modo, as características das sepulturas planas de Belinho, Carris (?), Curvos, Gulpilhares (?), Laborada e Tapado da Caldeira parecem indicar o mesmo ritual.

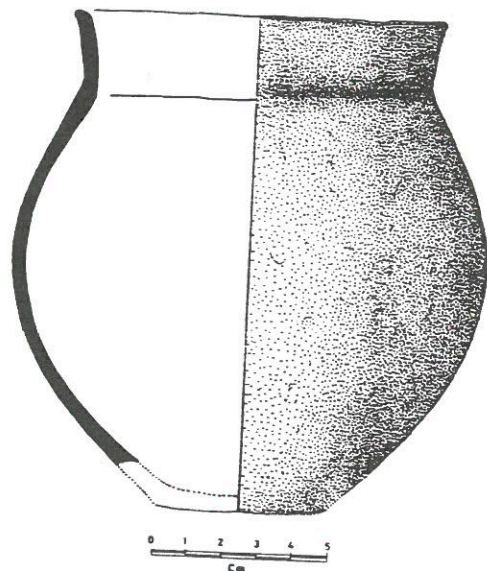
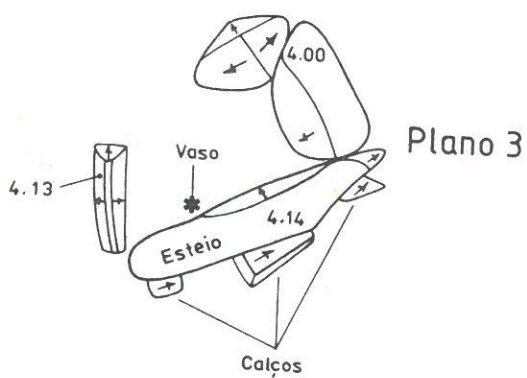
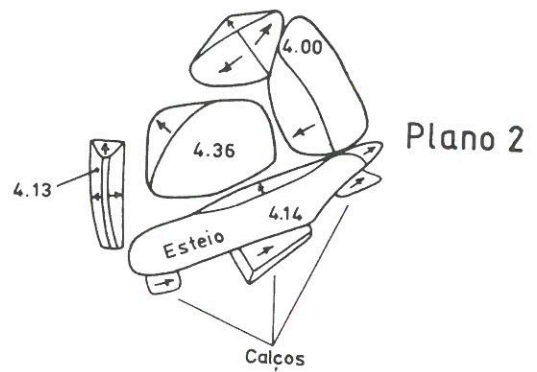
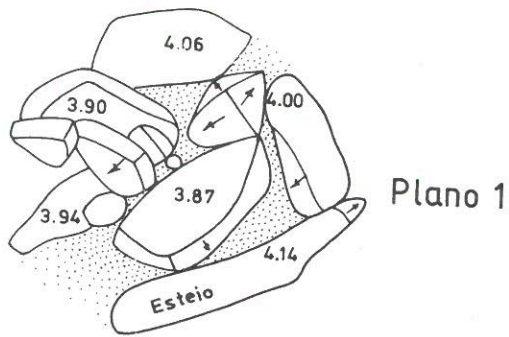
Se considerarmos as fossas abertas no saibro de Fáisca/Caldelas, como sepulturas, podemos admitir, a partir da sua profundidade (cerca de 1,10m), que estariam associadas ao ritual de inumação e não ao da cremação, também proposto por Cardoso (1930: 71).

Resta-nos analisar as cistas subcirculares da Sola II e Santinha. Pelas suas dimensões e altura nunca pode-

# SANTINHA 94

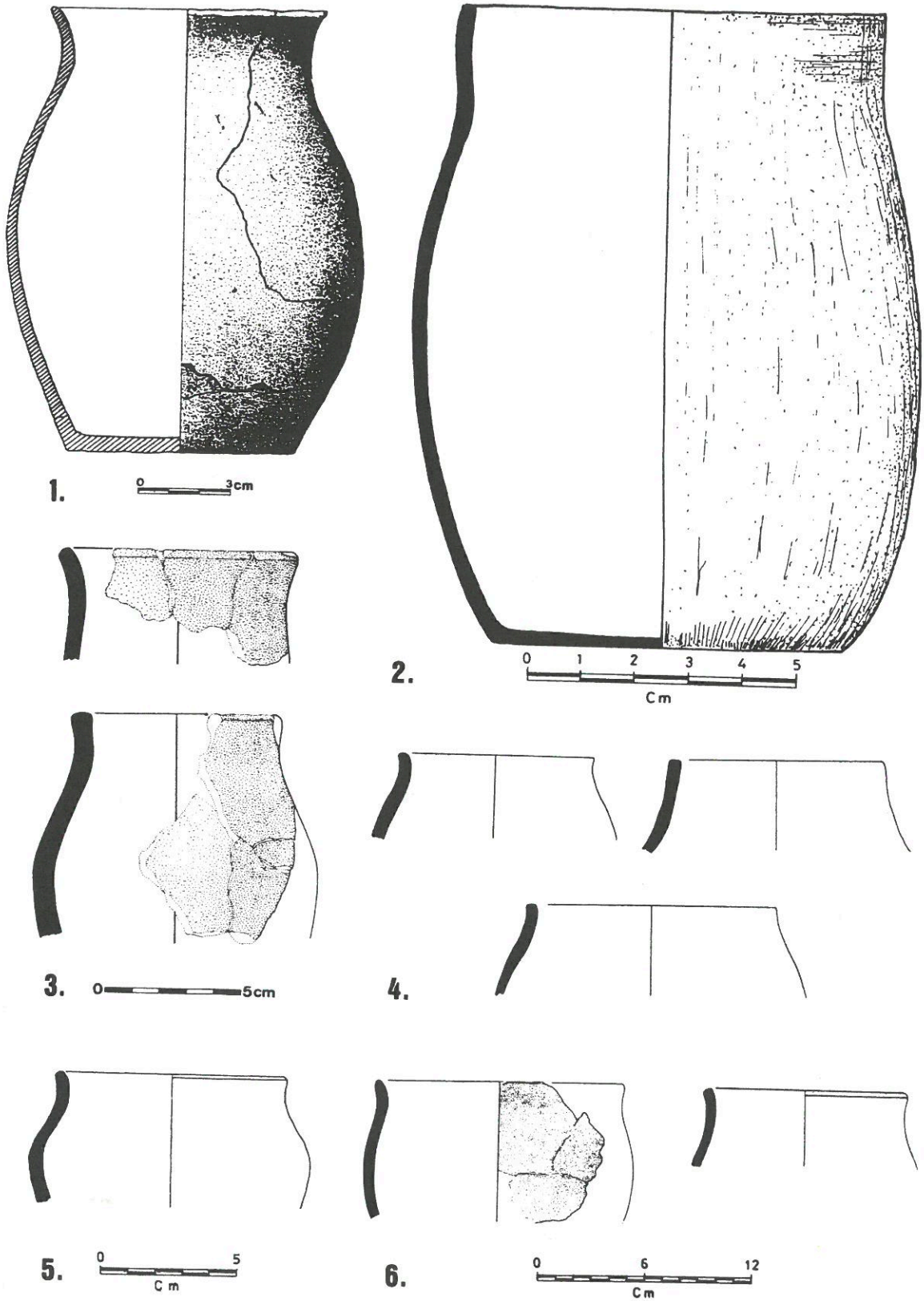
## Corte 3

ESCALA: 1/20



Est. III. 1. Estrutura cistóide da Santinha, Amares (Desenho de Quenor Rocha); 2. Potinho encontrado no interior da cista (Desenho de Maria Felismina Vilas Boas).





*Est. IV. Paralelos formais para o potinbo da Santinha. 1. Agro de Nogueira (seg. Meijides Cameselle 1993, 1994); 2. O Cubillón (seg. Ramil Soneira & Vazquez Varela 1979); 3. Bouça do Frade (seg. Jorge 1988a); 4. S. Julião (seg. Martins 1988); 5. Castelo de Matos (seg. Dinis 1991/92); 6. Barbudo (seg. Martins 1989).*



riam ter servido para inumar um cadáver inteiro de adulto, embora não possamos exceptuar o enterramento de crianças ou de cadáveres desmembrados. Também não podemos excluir o seu uso como sepulturas de incineração, pelo paralelo formal com a estrutura cistóide de Agro de Nogueira.

As condições dos solos do Noroeste não são as ideais para a conservação de substâncias orgânicas, pelo que os rituais praticados nas diversas estruturas de necropolização, não dispensem análises edafológicas e de fosfatos. Estas podem contribuir para explicitar os rituais praticados nas sepulturas com aparente escassez de restos ósseos (Manuel-Váldez 1995) e tornar legível a interpretação de estruturas de difícil classificação. Também gostaríamos de relembrar a necessidade de datar as sepulturas com indícios de incineração, que poderão, como vimos ter uma larga perduração pela Idade do Bronze. Fica aqui, mais uma vez, a advertência para a necessidade de trabalhos interdisciplinares sem os quais muito pouco poderemos avançar neste domínio.

Tendo em conta as considerações anteriores podemos considerar que o **mundo funerário da Idade do Bronze do Noroeste** parece ser extremamente **heterógeneo, rico e complexo**, quer em relação ao espaço de necropolização, quer a nível das soluções arquitectónicas e rituais encontradas.

Esta imagem **contradiz o mito de ausência sepulcral**, que durante muitas décadas se preconizou para o denominado Bronze médio ou final do Noroeste peninsular.

## QUADROS CRONOLÓGICOS

### *I. Datas de radiocarbono para estações com vasos de largo bordo horizontal*

Estação arqueológica	Referência do laboratório	Data BP	Calib.* B.C. (1 sigma)	Calib. B.C. (2 sigma)
Sola II	ICEN-1274	3310 ± 110	1734-1443	1879-1324
Sola II	UtC-Nr. 4785	3315 ± 40	1670-1521	1683-1511
Bouça do Frade	CSIC-630	2720 ± 50	907-813	978-800
Bouça do Frade	CSIC-631	2720 ± 50	907-813	978-800
Bouça do Frade	CSIC-632	2710 ± 50	907-813	929-978

### *II. Jazidas associadas a rituais funerários do IIº e Iº milénio B.C.*

Estação arqueológica	Referência do laboratório	Data BP	Calib.* B.C. (1 sigma)	Calib. B.C. (2 sigma)
O. Gregos 1	CSIC - 772	3620 ± 50	2032-1890	2133-1784
O. Gregos 1	CSIC - 771	3360 ± 50	1731-1529	1746-1517
Sola II	ICEN-1274	3310 ± 110	1734-1443	1879-1324
Sola II	UtC-Nr. 4785	3315 ± 40	1670-1521	1683-1511
Tap. Caldeira	KN-2769	3290 ± 55	1623-1512	1684-1428
O. Gregos 5	CSIC - 773	3250 ± 60	1598-1435	1675-1404
Tap. da Caldeira	KN-2770	3210 ± 55	1519-1416	1607-1327
Piedrafita 5	Ly-2939	3160 ± 130	1525-1265	1734-1044
Ponte da Pedra	GrN- 19216	2970 ± 90	1370-1021	1415-915
Santinha	CSIC - 1085	2761 ± 50	929-831	1010-810
Cabritos 1	GIF-7019	2700 ± 60	902-805	978-792
Piedrafita 5	UGRA-191	2610 ± 110	838-559	988-405

\* Estas datas foram calibradas segundo a curva de Pearson & Stuiver (1993) e o programa de calibração de Stuiver & Reimer (1993), na versão 3. 03.



## BIBLIOGRAFIA

- ABERG, N. (1921): *La civilisation Énéolithique dans la Péninsule Ibérique*, Upsala.
- ALMEIDA, C.A.B. (1986): Carta arqueológica do concelho de Esposende, *Boletim Cultural de Esposende*, 9/10, Esposende, p. 39-59.
- *Idem* (1989) Carta arqueológica do concelho de Esposende, *Boletim Cultural de Esposende*, 15/16, Esposende, p. 90-101.
- ALMEIDA, C.A.F. (1975): Cerâmica castreja, *Revista de Guimarães*, 84, Guimarães, p. 181-182.
- ATAÍDE, A. & TEIXEIRA, C. (1940): A necrópole e o esqueleto de S. Paio de Antas e o problema dos vasos de largo bordo horizontal, *Actas do 1º Congresso do Mundo Português*, Lisboa, p. 669-692.
- BELÉN, M.; ESCACENA, J.L. & BOZZINO, M. I. (1990): El mundo funerario del bronce final en la fachada atlántica de la Península Ibérica. I. Análisis de la documentación, *Trabajos de Prehistoria*, 48, Madrid, p. 225-256.
- BERNHARD, T. (1993): *Trevas*, Ed. Hiena, Lisboa.
- BETTENCOURT, A.M.S. (1991/1992): O povoado da Sola, Braga: notícia preliminar das escavações de 1991-92, *Cadernos de Arqueologia*, nº 8/9, Braga, p. 97-118.
- *Idem* (1995a) Dos inícios aos finais da Idade do Bronze, *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*, Ed.S.E.C., Lisboa, p. 110-115.
  - *Idem* (1995b): O Povoado da Santinha (Amares-Braga), *A Idade do Bronze em Portugal, Discursos do Poder*, Ed.S.E.C., Lisboa, 1995, p. 60-61.
- CANO PAN, J. & VÁZQUEZ VARELA, J.M. (1988): Portecelo, un yacimiento de la edad del bronce, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, Porto, p. 181-187.
- CARDOZO, M. (1936): Novas urnas de largo bordo horizontal. Um tipo regional de cerâmica primitiva, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 8, Porto, p. 65-87.
- *Idem* (1971): A estação pré-histórica da serra da Penha (Guimarães), *IIº Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, p. 239-268.
- COSTA, M.A. (1930): Relatório da sessão de Arqueologia e Pré-História. 1929-1930, *Arqueologia e História*, 9, p. 141-145.
- DINIS, A.P. (1991/1992): Cerâmicas do bronze final de Castelo de Matos (Baião), *Cadernos de Arqueologia*, nº 8/9, Braga, p. 119-142.
- *Idem* (1993): *Ordenamento do território do Baixo Ave no I milénio A.C.*, Porto, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).
- FÁBREGAS VALCARCE, R. (1993a): Enterramientos tumulares en la edad del bronce ? Nuevas evidencias para el Noroeste, *Espacio, Tiempo y Forma. Revista de la Facultad de Geografía e Historia*, sér. 1, Prehistoria y Arqueología, 6, Madrid, p. 181-203.
- *Idem* (1993b): El fenómeno tumular en el bronce del Noroeste, *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*, Vigo, Vigo, 1, p. 85-91.
  - *Idem* (1995): La realidad funeraria en el Noroeste del neolítico a la edad del bronce, R. Fábregas Valcarce *et alii* (ed.) *Arqueología da Morte na Península Ibérica desde as Orixes ata o Medievo*, Xizno de Limia, p. 95-125.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M.L. (1994): Ámbitos funerario y doméstico en la prehistoria del NO de la Península Ibérica, *Zephyrus*, 49, Salamanca, p. 143-159.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & BRADLEY, R. (1995): El silencio de las fuentes: prácticas funerarias en la edad del bronce del Noroeste y su contexto europeo, *Complutum*, 6, p. 153-166.
- FERREIRA, O.V. (1971): Algumas considerações sobre os chamados vasos de largo bordo horizontal ou chapéu invertido e a sua distribuição em Portugal, *Arqueologia e História*, 3, p. 9-20.
- FORTES, J. (1905/1908): Vasos em forma de chapéu invertido (Vila do Conde), *Portugália*, 2 (4), Porto, p. 662-665.
- GONÇALVES, A.A.H.B. (1984): Inéditos de Rui de Serpa Pinto, *Arqueologia*, 9, Porto, p. 123-125.
- GUIMARÃES, C. (1983): Notas bibliográficas para o estudo do povoamento pré-castrejo do concelho de Vila Nova de Gaia, *Arqueologia*, 8, Porto, p. 36-43.
- GRAMSCH, A. (1995): Death and continuity, *Journal of European Archaeology*, 3.1, p. 71-90.
- JORGE, S.O. (1980): A necrópole do Tapado da Caldeira-Baião, *Arqueologia*, 2, Porto, p. 36-44.
- *Idem* (1983): Duas datas de C14 para a sepultura 1 da estação do Tapado da Caldeira (Baião), *Arqueologia*, 8, Porto, p. 55-56.
  - *Idem* (1983/1984): Aspectos da evolução pré-histórica do Norte de Portugal durante o III e o II milénio a.C., *Portugália*, n. sér., 4/5, Porto, p. 97-109.
- Idem* (1988a) *O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do bronze final do Norte de Portugal*, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Monografias Arqueológicas 2. Porto.
- *Idem* (1988b): Reflexões sobre a pré-história recente do Norte de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, Porto, p. 85-112.
  - *Idem* (1990): Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios, J. Alarcão (dir.) *Nova História de Portugal. Portugal das Origens à Romanização*, 1, Ed. Presença, Lisboa, p. 214-258.
  - *Idem* (1996): Regional diversity in the Iberian bronze age - on the visibility and opacity of the archaeological record, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 36, Porto, p. 193-214.
- LEMOS, ES.; MARTINS, M. & DELGADO, M. (1976/1980): O sítio proto-histórico de Pedroso, *Actividade Arqueológica. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho*, Braga, p. 32-36.



- LOPEZ CUEVILLAS, F. (1928): Novas cerâmicas de antas galegas, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 4 (3), Porto, p. 263-282.
- *Idem* (1947): Los vasos semiovoides y la cronología de los vasos de ancho borde horizontal, *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, 16 (1), Ourense, p. 1-12.
- MACWHITE, E. (1951): *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispanica en la Edad del Bronce*, Madrid, Publicações del Seminário de História Primitiva del Hombre.
- MAIA, Abade S. (1905-1908): A necrópole de Canidelo (terra da Maia), *Portugália*, 2 (1-4), Porto, p. 619-625.
- MANUEL-VÁLDES, V. (1995): Cistas da la edad del bronce: el análisis de fosfatos como evidencia de la inhumación, *Complutum*, 6, Madrid, p. 329-352.
- MARTINS, M. (1985): A Ocupação do bronze final da Citânia de S. Julião, em Vila Verde. Caracterização e Cronologia, *Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnologia*, 25 (2-4), Porto, p. 197-222.
- *Idem* (1986): Duas Datas de C.14 Para a ocupação do bronze final da Citânia de S. Julião em Vila Verde, *Arqueologia*, 13, Porto, p. 159-160.
  - *Idem* (1987): A cerâmica proto-histórica do vale do Cávado: tentativa de sistematização, *Cadernos de Arqueologia*, 2ª sér., 4, Braga, p. 35-77.
  - *Idem* (1988): *A citânia de S. Julião, Vila Verde: memória dos trabalhos realizados entre 1981-1985*, Cadernos de Arqueologia-Monografias 2, Braga.
  - *Idem* (1989): *O castro do Barbudo, Vila Verde. Resultado das campanhas realizadas entre 1981-1985*, Cadernos de Arqueologia-Monografias 3, Braga.
  - *Idem* (1990): *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia-Monografias 5, Braga.
- MEDEIROS, A.C.; TEIXEIRA, C.; TEIXEIRA, J.L. & PEREZ, T.P. (1975): *Carta geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia explicativa da folha 5 B. Ponte da Barca*, Ed. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- MEIJIDE CAMESELLE, G. (1993): La necrópole del bronce inicial del Agro de Nogueira (Toques, A Coruña), *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología. Vigo*, 1, p. 85-88.
- *Idem* (1994): El concepto de las relaciones atlánticas en la edad del bronce del noroeste, L. Castro Pérez et al (cord.) *Edad del Bronce. Actas del Curso de Verano de la Universidad de Vigo. Xinzo de Limia*, 6/8 Julio 1993, Xinzo de Limia, p. 197-231.
- NEEDHAM, S. (1993): Displacement and exchange in archaeological methodology, in Scarre et al (eds) *Trade and Exchange in Prehistoric Europe*, Bristol, p. 161-169.
- PAÇO, A. (1933): Vaso de bordo horizontal, de Vila Fria, *Homenagem a Martins Sarmiento, Guimarães*, p. 272-276.
- PEÑA SANTOS, A. (1985): Las cistas de Gandón (Cangas de Morrazo, Pontevedra), *El Museu de Pontevedra*, 39, Pontevedra, p. 78-99.
- PEREIRA, F.A. (1902): Um passeio arqueológico no concelho de Arcos de Valdevez, *O Arqueólogo Português*, 7 (8-9), Lisboa, p. 193-209.
- *Idem* (1904): Aquisições do Museu Etnológico Português, *Arqueólogo Português*, 9 (1-2), Lisboa, p. 37-39.
- PINTO, R.S. (1932): A cidade de Terroso e os Castros do Norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, 42 (1-2), Guimarães, p. 81-91.
- QUEIROGA, F. & FIGUEIRAL, I. (1989): Datações de carbono 14 para Castelo de Matos, *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão*, 9, Famalicão, p. 67-69.
- RAMIL SONEIRA, J. & VAZQUEZ VARELA, J. (1979): Enterramiento en cista de la edad del bronce de "O Cubillon", Xermade (Lugo), *El Museu de Pontevedra*, 33, Pontevedra, p. 61-68.
- RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1987): "Bronce Atlántico y "Cultura" del Bronce Atlántico en la Península Ibérica, *Trabajos de Prehistoria*, 44, Madrid, p. 251-264.
- *Idem* (1991): Songs of a wayfaring lad, *Oxford Journal of Archaeology*, 10 (3), Oxford, p. 277-306.
  - *Idem* (1995): El significado de la ría de Huelva en el contexto de las relaciones de intercambio y de las transformaciones producidas en la transición bronce final/ edad del hierro, M. Ruíz-Gálvez Priego (ed.) *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*, Madrid, p. 129-155.
- SANCHES, M.J. (1982): Vasos da estação arqueológica de Corvilho-Santo Tirso, *Arqueologia*, 5, Porto, p. 56-61.
- *Idem* (1995a): O povoado da Lavra, serra da Aboboreira, *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed. IPM, Lisboa, p. 116.
  - *Idem* (1995b): *O abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto da pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 vols, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras do Porto (policopiada).
- SANTAREM, C.M.F. (1956): Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa, *Concelho de Santo Tirso. Boletim Cultural*, 4 (2), Santo Tirso, p. 169-178.
- SARMENTO, M.F. (1901): Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães*, 18, Guimarães, p. 117-135.
- SAVORY, H.N. (1951): A idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa, *Revista de Guimarães*, 61 (3-4), Guimarães, p. 337-340.
- *Idem* (1969): *Espanha e Portugal*, Ed. Verbo, Lisboa.
- SILVA, A.C.F. (1986): *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.
- *Idem* (1993): A idade do bronze em Portugal, A. C. F. Silva et alii (dir.) *Pré-História de Portugal*, Ed. Univ. Aberta, Lisboa, p. 235-293.



- SOEIRO, T. (1988): A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende, *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura (1985)*, 2, Esposende, p. 35-62.
- SUÁREZ OTERO, J. (1993): O Fixón: una nueva perspectiva del bronce inicial en Galicia, *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología. Vigo*, Vigo, 2, p. 57-67.
- TREHERNE, P. (1995): The warrior's beauty: the masculine body and self-identity in bronze-age europe, *Journal of European Archaeology*, 3.1, p. 105-144.
- VASCONCELOS, J.L. (1905): Notice sommaire sur le Musée Ethnologique Portugais. Lisbonne, *O Arqueólogo Português*, 10, Lisboa, p. 65-71.
- *Idem* (1930-1931): Castros lusitanos, *O Arqueólogo Português*, 29, Lisboa, p. 31-49.
- VAQUERO LASTRES, J. (1993): Túmulos del NW peninsular: escenas, *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología. Vigo*, Vigo, 1, p. 39-44.